

**Paper: *Perpectivas juvenis em Austin e Porto Alegre*<sup>1</sup>.**

Míriam Pereira Lemos<sup>2</sup>

Neste trabalho, gostaria de socializar algumas das reflexões extraídas da minha da pesquisa de doutorado realizada na pós-graduação em Educação da UFRGS e em convênio com a University of Texas at Austin. Destaco uma questão que me parece ainda pouco refletida na área da educação e das políticas sociais: a perspectiva dos jovens em relação a construção da sua identidade social a partir do universo da escola e do mundo do trabalho.

Acompanhei, ao longo de dez anos, o movimento de crianças e adolescentes que foram crescendo nas ruas centrais da cidade de Porto Alegre submetidas a intervenções pontuais ou sistemáticas das políticas sociais destinadas a atender essa parte da população. Mais recentemente, tenho trabalhado com jovens de comunidades periféricas de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Brasil. Se o contexto social e econômico de Porto Alegre distancia-se de Austin sob o ponto de vista das diferenças de renda e desigualdades sociais, este aproxima-se em muito culturalmente, tanto no que diz respeito às políticas pelo bem estar ambiental e qualidade de vida de seus moradores, quanto por se caracterizarem com um foco da esquerda intelectual do país. Deste modo, foi sob a ótica do do que os jovens destas duas cidades pensam a cerca de educação, políticas sociais e mundo do trabalho que desenvolvi a pesquisa complementar que agora apresento parcialmente.

Entretanto, através da perspectiva da complexidade dos fenômenos sociais e culturais (Morin, 2001), enfoco o caráter essencialmente pedagógico da educação escolar entendida como um todo , pois defino educação enquanto a intencionalidade do **diálogo entre formas diversas de viver e conceber o mundo** (Freire, 2002).

As pesquisas mais recentes demonstram que a educação têm um papel fundamental no processo do aumento de produtividade e no distanciamento do mundo do crime, não apenas da violência exercida pelos jovens, mas da sofrida por eles.

Para o caso dos Estados Unidos, estima-se que “*as mudanças na educação da*

---

<sup>1</sup> Síntese parcial da pesquisa complementar sobre Juventudes em Porto Alegre e Austin.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela UFRGS, professora, consultora em políticas sociais e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social, FACED/UFRGS; visiting researcher in University of Texas at Austin, School of Social Work and College of Education.

*força de trabalho durante os últimos cinquenta anos dá conta de uma proporção significativa do crescimento total da produtividade, talvez tanto como um terço”* (Griliches, 2000). Porém, inclusive estas mediações são insuficientes, já que não visam identificar o efeito indireto da educação na produtividade mediante a acumulação de conhecimento, a pesquisa e o desenvolvimento, e os processos de aprendizagem no trabalho e na vida.

A hipótese inicial, era a que a escola impõe um arcabouço cultural muito próprio, que estabeleceria um fosso cultural entre a cultura escolar e a de alguns grupos juvenis, em especial àqueles que estão distanciados da linguagem e valores hegemônicos. Muitos estudos anteriores já demonstram que a cultura escolar impõe uma identidade cultural pré-estabelecida pelos padrões culturais dominantes.

Para compor uma rede de significações (Rossetti-Ferreira, 1997) que daria a trama de fundo da culturas, localizei os elementos recorrentes tanto nas falas dos jovens, quanto nos discursos sobre eles, que se transformaram em categorias de análise fundamentais para a narrativa. A estes três elementos relacionei, respectivamente, o exame das categorias de **construção dos processos identitários**. Porém, enfatizo que os elementos de análise não são independentes ou hierárquicos, mas estão interrelacionados em uma rede de significações que os compõe.

Identities geracionais: O que é ser jovem e ser jovem adulto? Quais as táticas de sobrevivência e as representações de si dos jovens a partir da ótica da educação escolar? Como estes relacionam mundo do trabalho, aprendizagem para a vida adulta e conhecimentos técnicos-científicos?

A identidade na sociedade contemporânea é demarcada, também, enquanto tempo de vida, idades, faixas geracionais. A psicologia e a pedagogia moderna têm inúmeros exemplos para nos dar sobre as diferenças entre as faixas etárias do ser humano durante seu processo de desenvolvimento. Porém, há que se agrupar a elas as condições externas a que estes indivíduos estão expostos durante a vida e como vivem as diferentes fases de seu desenvolvimento em diferentes culturas.

Os estudos de Fonseca (1995) sobre a noção de infância entre as famílias de classe popular demonstram como, na perspectiva dos sujeitos, os fatores relevantes para a criação de uma criança são muito mais de ordem externa do que uma ordem interna de fases de desenvolvimento. Assim sendo, a noção de infância, assim como a de juventude,

tem total relevância se considerarmos o código de sentido que uma determinada sociedade ou grupo social cria para si.

Aqui não é negada a importância de se tratar dos sujeitos criança/adolescente/jovem enquanto categorias. Não é a negação de todo um arcabouço teórico-prático que constrói a visão da infância e da juventude e das práticas de intervenção pedagógicas, judiciais, etc, pois estaria negando a melhoria de uma legislação própria para abordá-los, assim como do avanço da declaração dos direitos das crianças e dos adolescentes.

A sociedade exige que o jovem assuma uma identidade estável e em conformidade com os padrões e normas da sociedade em geral.

O que quero destacar é que, para além da universalização de determinadas categorias/classes/grupos na busca por seus direitos, há a luta pela igualdade do ser humano em relação à sua singularidade individual e cultural. A busca identitária individual e grupal, inevitável na defesa de direitos humanos, corre o risco de cristalizar identidades bloqueando a possibilidade de reconhecimento de outros “eus” possíveis. O conceito de identidade aqui, se refere não a um estado estanque e sim a um processo dinâmico e ininterrupto de reconhecimento de si através da alteridade, mas sem negar ou excluir o outro.

Há um padrão atual de normatização das condutas através de uma identidade de ser “jovem” – uma *adulescência* - que faz com que cada vez mais a sociedade atual imponha um ideal de juventude às diversas faixas etárias. Porém, quando se trata do jovem em situação de vulnerabilidade social, o esperado é que ele amadureça, construa projetos próprios e saudáveis a partir da passagem para uma idade judicialmente determinada como a de adulto.

Estes são forçados a se tornarem “adultos”, repentinamente. Na maioria das vezes, a única passagem que é feita é a do desligamento de todos os programas e serviços sociais aos quais faziam parte até então. Um jovem relata que não agüentava mais ser acordado todo dia no abrigo com as falas: “*vamos lá que tu já vais fazer 18 anos*”, “*vamos lá que o teu tempo aqui já está terminando*”. Muitos dos jovens brasileiros dizem que só “*cai a ficha*” de que são adultos, quando são pegos em um ato infracional e vão parar no presídio. Já para os norte-americanos, a passagem da vida adulta está diretamente ligada com a independência financeira, a assunção de um emprego.

A cultura escolar não é compreendida aqui como isolada do contexto psicosociocultural mais amplo. Apesar de ter seus contornos específicos, a cultura escolar está transversalizada por diversas outras redes e formas de interação social e mantém-se dentro de uma hegemonia cultural procurando moldar as novas gerações a partir de seus critérios de inclusão/exclusão, em especial a do mundo do trabalho.

O conceito de raça e a relação com a identificação étnico racial também apresentaram-se com primordiais nas análises. Apesar da maioria dos jovens dizerem que o critério principal de organização e segregação dos grupos estudados ser o de condições econômicas (classe social) o fator raça aparece mais distintamente identificado nos grupos de afro-americanos, trazendo o fator fenótipo como determinante das relações de exclusão social e identificação de grupos através de valores, linguagens e perspectivas diversas das apresentadas pelos currículos escolares. Para os jovens latinos, esta marca parece determinar mais através da dificuldade de inserir-se através da legalidade de suas situações enquanto cidadãos de “fora”. Há uma necessária retomada de si dentro deste contexto mais geral, que a escola não coloca como pauta, através das diferentes identidades que nela se apresentam, fazendo a assunção de sua trajetória pessoal, dentro de uma história coletiva.

Em estudo anterior, identifiquei os jovens que vivem nas ruas de Porto Alegre como o espelho exposto do extremo da violência social. Este expõe a violência que sofrem através de uma vida de *antecipação de riscos* (Peralva, 2000) e aguardam por uma trajetória linear: *rua, droga e morte*, sem que visualizem possíveis e prováveis irrupções/interferências no tempo, enraizamento em espaços e reconstruções de si mesmos. Atiram-se a situações cada vez mais arriscadas como forma de “dominar” a morte, antecipando-a.

Com o jovem excluído, a passagem para a maioridade, ou seja, a chegada aos 18 anos de idade põe em foco o confronto entre o que ele é o que o que ele deveria ser, tornando-se ainda maior uma decisão acerca de suas referências identitárias, os espaços a ocupar e um futuro a prever. Reforço a importância do cuidado no enfoque do jovem adulto como um estágio de definições, como uma imposição de chegada à vida adulta e supostamente autônoma.

As políticas sociais têm que oportunizar que a cidade amplie seus espaços de

convivialidade, transformando os programas de intervenção social (tanto sócio-educativos, quanto assistenciais) em relações de educação social, no sentido amplo do termo. Percebendo o ser humano - seja em qualquer fase de vida - não apenas como um “usuário dos serviços”, mas enquanto sujeito de sua própria história, com carências e com desejos, necessitando de ajuda, mas também de liberdade, de mediação para agir no mundo.

A diferença entre uma política higienista, que só quer “limpar” a cidade dos “bandos de desvalidos” que sobrevivem das ruas e uma política voltada para emancipação (Santos, 1995) e para a compreensão do sujeito em sua inteireza parece clara: o enfoque está nas **relações humanas e na construção coletiva** de um **sentido** para a saída do mundo da violência.

Mesmo na lógica custo-benefício, do tempo da resposta política que exige resultados imediatos, mas não reconsidera as contradições entre o tempo emergencial da juventude e o tempo lento da burocracia estatal. Também não podem estar isoladas de uma rede mais ampla de políticas de atendimento descentralizadas que potencializem as positivities dos bairros e ajudem a construir novas formas de relações sociais e comunitárias.

Fala-se em educar a cidade, em cidades educadoras, e em todo um restante de movimentos que podem se transformar num balaio de gatos que não diz que pedagogia é essa. É preciso tomar cuidado para não cairmos na perspectiva da tutela ou da doutrinação de consciências e comportamentos, assim como de um *laissez faire*, do “deixa estar”, do “não dá nada” “não adianta nada” pois ambas posturas podem levar à ratificação da situação de miserabilidade e de violência social em que vivemos hoje.

Talvez seja mais importante estarmos atentos ao conhecimento, ao reconhecimento e ao respeito do “outro” e à mediação da construção dos saberes que surgem nas estratégias de sobrevivência das práticas cotidianas. Mediar significa ajudar a organizar e potencializar o conhecimento sobre si e sobre o mundo de forma que este saber possa ser socializado, aprofundado e transformado em novas práticas de existência.

### **Referências Bibliográficas:**

AUGÉ, Marc. *Por uma Antropologia dos Mundos Contemporâneos*. Rio de Janeiro:

- Bertrand Brasil, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FONSECA, Cláudia. *Caminhos da Adoção*. São Paulo: Editora Cortez, 1995.
- MAGNI, Cláudia Turra. *Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. Porto Alegre: PPGAntropologia/UFRGS, 1994 (Dissertação).
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: UNESCO/Cortez Editora, 2001.
- PERALVA, Angelina. *Violência e Democracia: o Paradoxo Brasileiro*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- ROSSETTI-FERREIRA, M.<sup>a</sup> C. *Análise do Desenvolvimento Humano Enquanto uma Construção Através de uma Rede Dinâmica de Significados*. Ribeirão Preto: CINDEDI, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença*. mimeo. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, setembro de 1995.